

# Kuarup:

A cada ano, no início da Primavera os grupos indígenas do Alto Xingu realizam um ritual de celebração dos seus mortos. É o Kuarup, a mais importante festa indígena brasileira. Durante um mês os índios do Xingu se ocupam inteiramente dos preparativos para a grande festa. A aldeia anfitriã foi a da

tribo Kamaiurá, e este Kuarup foi organizado para reverenciar seis mortos, dois destes da tribo Iaualapiti. Nossas repórteres Carmem Moretzsohn e Mila Petrillo foram especialmente convidadas para assistir ao ritual. Aqui o depoimento delas sobre a vida na selva, a natureza, e, claro, o Kuarup.

Todos os homens das aldeias dançam: apresentação dos lutadores do Uka-Uka

Uma luta de campeões do Uka-Uka



A mão firme do Kamaiurá prepara o tronco masculino

O tronco feminino: traços finos e delicados

## A iniciação da vida na aldeia das estrelas

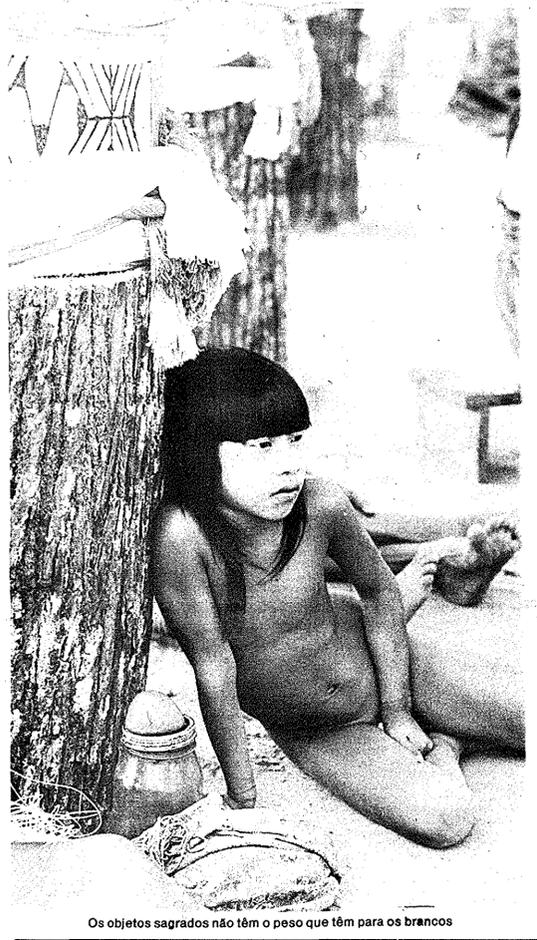
CARMEM MORETZSOHN (Texto) MILA PETRILLO (Fotos)  
Enviadas Especiais



Parentes dos mortos choram enquanto enfeitam os troncos



Para a festa, a preparação do refresco de mandioca e pequi



Os objetos sagrados não têm o peso que têm para os brancos

A Mãe Ganso vive num sapatão. Chapeuzinho Vermelho foi comida ou não pelo Lobo Mau? E a bruxa? Não tem problema, a fada vai nos salvar. Desde crianças, dormimos e estudamos embaladas por histórias que nos transportam a mundos fantasiosos. Nossa imaginação passa a ser povoada de duendes, de camponeses, de gatos inteligentes, de madrastas malvadas e animais cruéis. Quem poderia imaginar que uma lagoa tenha surgido do vômito de um Deus que comeu demais? Ou mesmo que cada planta, cada flor possui um espírito. Estas, sim, são lendas incomuns à nossa fantasia. Estranho, porém, imaginar que foram geradas por nativos da Terra Brasilis, aqueles que viviam das matas e conheciam seus segredos. Talvez por isso mesmo, o primeiro contato com os índios e com seu cotidiano chegou a ser, na verdade, a outro planeta mesmo, a uma visão tão distante que nos deixa sem ação, sem pensar e o sentimento fica à flor da pele. A pele. Nosso avião — um Bandeirante da FAB — decolou pouco mais das sete horas da manhã de terça-feira. Havia pouca gente, mas estávamos protegidos: o Grande Paje Sapaim viajava, tranqüilo, ao nosso lado e, vez por outra, arriscava um cochilo. A navezinha voava baixo, o suficiente para podermos acompanhar a transformação da paisagem. Contrariando a tradição meteorológica, havia chovido e o vento era mais verde do que nunca. Não foi difícil perceber os limites do Parque Indígena do Xingu: ali começava uma imensa área de mata, inexistente durante quase todo o percurso. Paramos. Ao longe, via-se o Posto Leonard e o rio Ipanaculé Megaron, nossos anfitriões, sorriam por nossa chegada. Faziam de tudo para que nos sentíssemos em casa. Impossível: olhos arregalados, até estranhávamos a cortesia de tantos índios ao redor, dando-nos bôndia e apertando-nos à mão. Isso não existe, deve ser um sonho. Instalamo-nos numa das casas. Civilizadas demais, esquecemos de levar cordas para que as redes fossem presas (na certa esperávamos ganchozinhos prontos de metal!). Mas tudo ficou acertado. A primavera no Xingu é seca. Por isso, nesta época acontecem as festas do Kuarup: é preciso céu aberto para festejar a ressurreição dos mortos. Só que, desta vez, o vento não era mais verde e os índios, sem ter tempo para pescar todos os alimentos que deveriam apresentar aos visitantes, adiaram a festa por um dia. Tivemos sorte, afinal, poderíamos ficar ali por mais tempo. O primeiro passo foi o de bordo de um pequeno barco a motor. As águas eram tão limpas que se via o fundo e mais de

sete metros de profundidade. Em sua margem, peixeiros frondosos se enfileiravam. De noite — dizem os índios — é possível pescar com mais facilidade, apesar dos perigos constantes pela existência de jacarés, piranhas, arraias e ariranhas. Somente no meio da tarde é que fomos conhecer a aldeia Kamaiurá, dona do Kuarup que se realizaria. De caminhão, leva-se uns vinte minutos para chegar, passando pela aldeia Iaualapiti, onde aconteceu o Kuarup do ano passado. Impossível descrever, com exatidão, a surpresa que a visão da aldeia Kamaiurá causa em quem desconhece o lugar. Um círculo de grandes casas de palhas precede uma lagoa que se perde no horizonte. O chão de areia branca e as matas que ficam à sua margem se decompõem em uma paisagem de leves graduações de cores, só quebradas pela presença de duas grandes araras tagarelas. O cotidiano da aldeia estava bastante alterado, com todos os seus habitantes já preparados para a festa do dia seguinte. Mulheres — as adolescentes já pintadas e enfeitadas com colares de contas coloridas — passavam apressadas levando cestas de mandioca e pequi para fazer os refrescos. Outras se empenhavam no biju e nos peixes. Os homens também já tinham se pintado com urucum e estavam sentados na Casa dos Homens — onde as mulheres da aldeia não entram mesmo! A esta altura, os seis troncos do Kuarup já tinham sido cortados e se encontravam escondidos na mata. Em certo momento, os homens gritaram, se levantaram, fizeram uma fileira e começaram a dançar. Dois cantadores marcavam o ritmo com chocalhos. Os pajés fumavam longos cigarros, mas não dispensavam um branquinho de qualquer Berriga. Cigarrito... pediam. Depois, ficavam olhando o esquerdo. Por fim, faziam aquela cara de extremo interesse e era impossível conseguir dizer-lhes não. Durante todo o dia de terça-feira, os chefes da festa — não os da aldeia — que eram Kamaiurá e Iaualapiti, ficaram esperando as respostas dos Pariáts. Mensageiros enviados a contatá-los em outras aldeias do Alto Xingu a participarem da festa. A cada instante, mais no final da tarde, entravam três Pariáts que eram saudados com gritos e depois sentavam-se na Casa dos Homens e contavam sua viagem. Por fim, ficou assegurada a participação dos Kulkuru, Calapalo, Waurá, Matipu e Mehinaco. A noite no Xingu é calma e estrelada. Desce rápido. Há ruídos de bichos que não saberia identificar. Alguns homens vão à pesca, outros, sentados ao redor das fogueiras ou mesmo iluminados por pequenas velas, conversam até bem tarde. Nós nos deixamos cedo. Barriga, irmão de Sapaim, deixou-se na rede ao lado e começou a contar histórias. Estávamos debaixo de uma choupana aberta, ao ar livre. Disse ele que, na semana anterior, uma pequena onça havia aparecido ali, ao meio-dia, assustando as crianças que brincavam. Contou ainda que o feto de palha era também usado por cobras para dormir e que, eventualmente, uma ou outra caía ao chão. Como se não bastasse, nossa choupana ficava na beira do rio, onde jacarés existem "que nem praga", dizia. Com tudo isso, o sono custou a aparecer. Deitei-me e cobri-me com a rede. Não queria nem pensar nos "perigos" narrados por Barriga. Os barulhos da mata, do rio pareciam aumentar e já ia pedir socorro quando, ao abrir a rede, deparei-me com uma noite clara, fresca, com uma brisa gostosa e embalsantada. Vi que Barriga queria mesmo era cultivar o medo. Estranha brincadeira...

### KUARUP

Para cada festa de celebração da ressurreição dos mortos de uma aldeia é necessário um mês inteiro de preparativos. Durante este tempo, as mulheres se responsabilizam pela colheita da mandioca e a confecção da massa para fazer o biju. E também o trabalho feminino na confecção do algodão que servirá de ornamento para os troncos e para os homens lutadores do Uka-Uka. Os homens da aldeia se incumbem de pescar o suficiente para alimentar todos os convidados. E, já no final do período, há o armazenamento do polvilho e a moqueação dos peixes. Todas estas atividades são temperadas de danças e flautas específicas.



Os homens das aldeias visitantes vêm de bicicleta (as mulheres não)

Nos três últimos dias que antecedem a festa, a movimentação é mais intensa. É preciso cortar os troncos que serão pintados e ornamentados e escondê-los no mato. É necessário ainda enviar os Pariáts para convidar as outras aldeias. Um dia antes da festa, os homens — já pintados com urucum — buscam os troncos, no caso, seis. Este Kuarup iria acontecer na aldeia. Já no Kuarup, eles são os que mais trabalham: devem confeccionar os adereços que serão colocados sobre cada tronco que personifica o morto. Este é chorado até que sua alma voe para o céu. Troncos femininos e masculinos merecem pinturas diferentes: para os homens, traços fortes, rudes em forma de retângulos; já as mulheres são representadas através de triângulos, com linhas finas e delicadas. Quando a pintura termina, os homens dançam mais uma vez e chamam as famílias dos mortos. Começa um dos momentos mais tocantes da festa: velhos, mulheres e crianças vêm, com lágrimas nos olhos, trazendo faixas de algodão colorido e cocares e começam a arrumar cada tronco. As mulheres não podem tocá-los, elas ficam ao pé, chorando. A esta altura, o sol e o suor já prejudicaram a pintura do corpo e é preciso refazer-las. Os familiares dos mortos retornam a suas casas e os homens reco-

meçam a pintar-se uns aos outros. As mulheres também — ainda que bem menos — passam urucum no rosto. Terminado este ritual, os homens entram em casa dos parentes dos mortos, reverenciam sua dor e saem dançando para o meio da aldeia. Quando escurece, ergue-se uma pequena tenda no local onde estão fixados os troncos e começa a lamentação. Mais uma vez, os parentes dos mortos sentam-se em torno de cada tronco enfeitado e choram sua ausência. Volta e meia, dois cantadores (um Kamaiurá e outro Iaualapiti) interrompem e cantam lamentos. Em frente a cada tronco está armada uma fogueira com grandes tochas acesas. Durante todo o dia, as aldeias convidadas se põem a caminho da aldeia anfitriã. Mas não podem entrar em seus limites, a não ser no momento em que começa a luta do Uka-Uka. Enquanto isso, cada uma delas se fixa na mata que contorna a anfitriã. Na noite, os homens enfeitados de cada aldeia, convidada entram, cantam, dançam e roubam as tochas para levá-las ao local onde estão acampados. Assim, a aldeia que está realizando a festa fornece o calor para seus convidados. Este é um momento indiscutível, de tão belo. Os homens pintados e enfeitados, levando as tochas nas mãos, fazem uma grande roda, cantam, dançam e soltam foguetes, o que irrita os mais velhos: "Isso começou no ano passado; não gosto; assusta as crianças". Entre cada visita, mais lamentações e canto. Ao final da noite, entram dois cantadores de cada uma das aldeias convidadas: Kulkuru, Calapalo ("Estes gases não se enfeitam mais", diz o Paje Caré), Waurá, Matipu e Mehinaco. Antes do sol nascer, os homens se pintam de novo, desta vez, mais cuidadosamente. Também se arranjaram com dentes de peixe para tirar o cansaço e a preguença de uma noite sem dormir (todos os lutadores do Uka-Uka devem ficar acordados). As mulheres fazem o biju, assam os peixes e preparam os refrescos de mandioca e pequi. Repete-se o mesmo ritual de visitação aos parentes dos mortos que, neste instante, já ressuscitaram. Contornando o pátio da aldeia estão banquinhos colocados no local onde se fixará cada aldeia convidada. As seis fogueiras, Kulkuru, Calapalo, Waurá, Matipu e Mehinaco entram cada um por um lado. Os homens de todas as aldeias fazem uma grande roda em volta dos troncos: cantam e dançam. Ao final da dança, os lutadores voltam para seus lugares e já ficam preparados. Os donos do Kuarup, então, passam a chamar cada aldeia para dar inleto a Uka-Uka. Primeiro, eles chamam os campeões Kamaiurá e Iaualapiti, entre eles, o grande Aritana. Invençível. Depois, a aldeia indicada para começar a luta, no caso a Kulkuru, apresenta seus

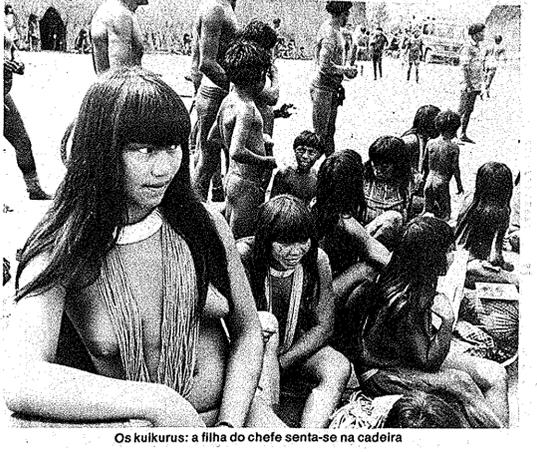
campeões. Começam as lutas. Passados os confrontos entre campeões, todos os homens das duas aldeias podem desafiar-se mutuamente. A vitória do Uka-Uka consiste em derubar o outro, levantá-lo ou pegá-lo nas costas por detrás. Os donos da festa devem enfrentar os campeões de todas as aldeias e seus desafiantes. Grandes comemorações são feitas quando um campeão perde; o grande Tucunaré não resistiu à agilidade de um pequeno Kamaiurá e caiu no chão. Foi momento de alegria para a aldeia anfitriã. Detalhes podem ser percebidos durante as lutas. Por exemplo: as mulheres, que ficam torcendo por seus maridos, quando estes perdem, gritam e brigam com eles. Os velhos, por sua vez, que não têm mais resistência para as brigas, ficam ao lado, ensinando as manhas do Uka-Uka aos mais jovens. E a luta se estende até aos meninos. Ao final, desta vez, com a derrota dos Waurás, os lutadores voltam a seus lugares. Saem dois flautistas de cada aldeia e percorrem todas as casas. As mulheres solteiras dançam atrás das flautas. Neste instante, também, saem as meninas que permaneceram um ano em completa reclusão — uma forma de preparação para o casamento. Seus pais as auxiliam no ritual, que começa com a reverência aos chefes da aldeia anfitriã. Durante todo o dia, as aldeias ficam reunidas, só retornando ao fim da tarde.

### O PRIMEIRO KUARUP

A festa do Kuarup é uma característica das nações fixadas no Xingu. Segundo seus integrantes, tudo começou com o Grande Paje Sapaim quando este residiu no monte Morená. Ali, ele decidiu fazer o renascimento de seis pessoas que haviam morrido. Primeiro, mandou que cortassem quatro troncos escuros, para os homens, e dois troncos claros, para as mulheres. Depois, começou a prepará-los e avisou à aldeia: ninguém poderia manter relações sexuais durante aquela noite. Maucini desejava fazer com que os troncos se transformassem em gente de novo. Tudo corria bem, até que um índio desobedeceu ("que havia trabalhado sua esposa naquela noite"), chegou perto dos troncos que já estavam virando gente e eles voltaram a ser apenas troncos. Maucini se irritou e disse que não mais tentaria o renascimento do corpo. Agora, ele só faria a ressurreição da alma. A alma do índio personificado no tronco foi ao céu. Depois de sua viagem, ele é obrigada a enfrentar os pássaros, os ventos e as tempestades. Por fim, chega a Ivat, a aldeia que fica entre as estrelas e ali permanece para sempre.



Os velhos ensinam o Uka-Uka aos mais jovens



Os kulkurus: a filha do chefe senta-se na cadavra